



Como a sala de aula deveria ser

www.doi.org/10.21680/2763-6488.2019v1n1ID24864

Eu sinto que a docência está no meu sangue, herdei da minha mãe. Foi vendo ela trabalhando em casa, planejando, montando aula, se estressando e trazendo diversos sentimentos da escola para casa, que eu tive a primeira noção do que é ser professor. São 25 anos da minha vida acompanhando o meu maior exemplo dessa profissão.

Esse momento de estágio sempre foi muito esperado por mim. Estar dentro da escola era a experiência que eu mais queria vivenciar durante meu curso, então criei muitas expectativas. Infelizmente venho com a bagagem de dois estágios anteriores que me deixaram com a sensação de decepção. Cheguei ao Estágio 3 insegura, com medo, sem ao menos ter tido uma única experiência com alunos na sala de aula, ou orientações e observações que me fossem válidas para esse momento.

E se você me der a liberdade de te aconselhar baseada nas minhas experiências, lhe digo: escolha uma escola que lhe acolha bem e que você se sinta parte dela e, principalmente, um supervisor que se mostre satisfeito em lhe acompanhar, sem que você seja apenas mais um estagiário para ele assinar a ficha de frequência. Outra coisa: evite ir às cegas. Procure sugestões de escolas e supervisores que possam lhe ajudar de forma produtiva. Esse momento é "O MOMENTO", quase que um divisor de águas.

Ou você vai amar muito e se encontrar ou vai odiar e dizer que não quer isso pra sua vida, porque as emoções são tão fortes que nos fazem criar decisões precipitadas, baseadas em uma única experiência, sobre querer ou não estar na sala de aula. Enfim, eu só conseguia pensar uma coisa: "Como é que eu vou fazer isso?". Eu precisava tentar corrigir as falhas que ficaram dos meus primeiros dois estágios e o primeiro passo seria a escolha de uma nova escola e um novo supervisor.

Escolhi o Centro Educacional José Maria de Aguiar Filho (CEJMAF), uma escola que está localizada no centro da cidade Monte Alegre/RN, onde residio desde que nasci. Não cheguei a estudar nessa escola, porém, nela trabalham alguns ex-professores meus e minha mãe também trabalhou lá, então escolhi um ambiente um pouco que me recebeu muito bem e logo me deixou a vontade para escolher a turma em que eu queria ficar. Minha preferência era o 8º ano, por estarem vendo os conteúdos de anatomia e fisiologia do corpo humano. Optei por uma turma grande, 32 alunos, e já fui alertada pelo professor que eles gostavam muito de conversar durante a aula. Iniciando o período de observação, já no meu primeiro contato com a turma, fiz questão de me apresentar, explicar por qual



Érika Patrícia dos Santos Silva

Graduanda do curso de Ciências Biológicas - licenciatura, UFRN, apaixonada pelo desenvolvimento do corpo humano e suas funções, por séries e música.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Aline de Moura Mattos

motivo eu estava ali, mostrando o meu interesse em ter uma boa relação com eles. Disse-lhes sobre as minhas expectativas e que nesse momento eu aprenderia muito mais com eles do que eles comigo. Achei de extrema importância que pudéssemos nos conhecer já no meu primeiro dia, porque eu não queria ser um “corpo estranho” dentro da sala deles e nem que eles ficassem cogitando hipóteses até a chegada do período da minha regência. Acredito que nossa excelente relação começou a ser construída desde aí. Esse momento de observação foi fundamental para que eu percebesse as características da turma e individualmente de alguns alunos. As minhas primeiras observações foram que eles realmente conversavam muito e não gostavam de escrever. Se perdem na escrita ou não terminam as atividades por ficarem conversando demais. Alguns alunos, em minoria, me chamaram atenção por serem muito calados e outros por serem muito barulhentos.

Em acordo com meu supervisor, decidimos que eu assumiria as aulas dos sistemas esquelético, muscular, nervoso e os sentidos. Ele sempre me deixou a vontade desde a escolha da metodologia que eu iria usar, como eu iria avaliá-los e até a minha abordagem dentro da sala de aula. A liberdade e confiança que o supervisor depositava em mim era de me deixar extremamente empolgada e a vontade para elaborar minhas aulas. Em tempos que tememos perder essa liberdade de ser professor, isso foi no mínimo motivador. Durante meus planejamentos ia adequando as aulas conforme as

necessidades da turma e tentando fazer ao máximo um perfil de aula que englobasse suas características e coisas cotidianas. Como tínhamos pouco tempo juntos e eu percebia que a escrita e as conversas tomavam muito tempo das aulas, decidi que iria levar o máximo de coisas que eu pudesse já prontas para eles, como os resumos e as atividades. A escola disponibiliza um data show para as aulas e assim, também optei que na maioria delas eu usaria esse recurso. Outra decisão que tive durante os planejamentos foi que ao final de cada aula seria feita uma atividade de fixação em grupo e só depois disso eles receberiam os resuminhos da aula. Queria estimulá-los a analisarem as questões e discutirem entre si, sem que apenas transcrevessem as respostas retiradas do livro ou do resumo. A princípio, eu tive receio de fazer os grupos e estar estimulando mais as conversas do que fazer com que eles cumprissem o principal objetivo das atividades. Mas, de toda forma, eu experimentaria para ver como eles iriam se sair. As aulas estavam planejadas de formas bem diversas, os slides sempre com animações, vídeos, alguns experimentos, as atividades de fixação. Uma das atividades era em forma jogo para finalizar o sistema nervoso, o qual intitulei de *Neurogame*, tudo isso para que as aulas se tornassem cada vez mais agradáveis para eles e, conseqüentemente, para mim. Concluído o período de observação e planejamento, era chegada a hora de colocar em prática. Eu sou uma pessoa extremamente nervosa de véspera, então na noite anterior dormi apenas 2 horas. Seria a minha primeira experiência na

“Achei de extrema importância que pudéssemos nos conhecer”

sala de aula e eu estava tensa, nervosa e com medo de como eles reagiriam. O acolhimento dos alunos para a minha primeira aula foi um verdadeiro calmante. Iniciei a aula e as coisas foram fluindo naturalmente. Em alguns momentos parecia que estávamos conversando, porque se tornou algo tão leve, e eles tão participativos, que percebi que nós todos estávamos à vontade. Ao final da aula, pedi para que eles formassem os grupos para que a atividade pudesse ser feita. E, para minha surpresa, as conversas estavam relacionadas à atividade. Eles discutiam as questões em grupo, me chamavam para falar suas dúvidas e também para mostrar o que estavam fazendo. Percebi daí que seria uma boa forma de ir avaliando o que eles estavam compreendendo das aulas. Com o passar das aulas, pude vivenciar diversos momentos e sentimentos. Houve aulas incríveis, mas também houve aquelas que a gente fica se perguntando se os alunos entenderam alguma coisa. Tivemos dias excelentes e também dias em que eu chegava em casa descabelada, suada e rouca. Uma verdadeira loucura. Dentre esses diversos sentimentos, também vivi a experiência de não conseguir dar aula, porque eles estavam extremamente agitados e a minoria que estava disposta a



aprender o que planejei ensinar não conseguia ouvir nada do que eu falava. Além de tudo, eu tinha ido dar aula doente e quase sem voz. Planejei experimentos, levei o material de casa e fui doente porque tinha certeza que seria uma boa aula. Sim, eu criei erroneamente essa expectativa por 32 pessoas. Mas foi um dia daqueles que a gente se sente decepcionada, tendo que levantar a voz e encerrar a aula deixando o assunto como dado, porque a minha presença ali não fazia diferença e ninguém queria saber o que eu estava falando. O mais engraçado eram os alunos me pedindo desculpas pelo ocorrido. Depois de respirar fundo, eu ainda os agradecia mentalmente por aqueles momentos, porque eram neles que eu refletia sobre a questão “ser professor”. Cada aula boa me fazia sair da escola realizada, com a certeza de que eu realmente queria estar ali e cada dia “ruim” me fazia ter a consciência do que eu estou querendo abraçar. Uma das coisas que eu mais queria realizar era levar os alunos para conhecerem a UFRN e o Museu de Ciências Morfológicas. Durante as aulas sempre falava sobre a universidade e tive o imenso prazer de poder levá-los para conhecer um pouco do campus e o museu, onde casou perfeito com todo conteúdo dos sistemas do corpo humano que havíamos visto. Desde quando eu havia falado para eles que faríamos essa visita, os dias eram contados nos dedos. Os alunos estavam ansiosos e com muitas expectativas, e eu mais ainda. Para que essa visita acontecesse eu precisava do apoio do meu supervisor e da escola para conseguir o transporte com a prefeitura e ambas as partes foram muito prestativas. A visita foi um sucesso, os alunos adoraram e eu fiquei realizada com esse momento. A relação aluno-professor foi, sem dúvidas, um dos pontos altos

do meu estágio. Eu sempre fiz questão de expressar para eles o quanto era importante esse momento na minha formação e que eles me ensinavam muitas coisas. Queria mostrar pra eles que ali era uma via de mão dupla de conhecimentos. Enfatizava sobre a capacidade deles e quantas coisas boas eles podem alcançar se quiserem. Usei da motivação como uma das ferramentas principais nas minhas aulas. E sinto que foi através dos feedbacks positivos, quanto as suas participações, dos elogios e mostrando a capacidade de cada um, que desenvolvemos bons trabalhos. O nosso ultimo dia de aula juntos foi adiado várias vezes, criamos um vínculo muito forte e a despedida era temida. Mas esse dia chegou e os alunos me prepararam uma surpresa com direito a muitas coisas gostosas, um bolo lindo, um quadro cheio de mensagens, vídeos das nossas fotos e com direito a leitura de cartinhas que me fizeram chorar de emoção. Ao fim do Estágio 3, posso afirmar que essa foi uma experiência riquíssima de conhecimentos e sensações, e que me fez retomar toda motivação que havia perdido durante os estágios anteriores. Sinto-me disposta a vivenciar novas experiências e otimista para o próximo estágio. Agradeço de coração aos professores Thiago e Aline pelas reflexões desenvolvidas durante todo semestre, por todo apoio e incentivo. Agradeço também ao CEJMAF pelo acolhimento e, em especial, ao meu querido supervisor e aos meus 32 incríveis alunos, eles sabem que estão marcados para sempre na minha trajetória como docente e na minha vida. E sobre ser professor(a)... Quando nós escolhemos essa profissão estamos escolhendo o pacote completo. É sobre fazer uma escolha de aprender a lidar com as partes dos outros que são

“a personalidade e as características de cada aluno não cabem na nossa expectativa pessoal e egoísta de ‘como a sala de aula deveria ser’ ”

mais frágeis e que vão demandar mais paciência e resiliência da nossa parte. É vencer desafios diários, receber dos alunos recompensas impagáveis e pairar nas incertezas da educação. A sala de aula não é um pacote perfeito, não há um padrão, ela é diversa e cheia de surpresas, e nós precisamos estar dispostos a desenvolver habilidades para nos dar com isso. O que não faz sentido é escolher ser professor(a) quando não temos a vontade de incentivar, superar e enfrentar as limitações, de buscar o melhor para nós e para nossos alunos. Mas nós, professores, também somos um pacote misto de defeitos e qualidades. Somos humanos e falhos. E também mostramos o nosso lado menos agradável. Finalizo dizendo que acredito que precisamos ter a consciência que a personalidade e as características de cada aluno não cabem na nossa expectativa pessoal e egoísta de “como a sala de aula deveria ser”.

